

A CAPELA DE JACOB ALOYS FRIEDERICHS NO CEMITÉRIO SÃO JOSÉ II EM PORTO ALEGRE-RS: A MORTE DE UM MONUMENTO⁶⁷

Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho⁶⁸

INTRODUÇÃO

A capela funerária erigida para Jacob Aloys Friederichs, durante décadas representou um local sagrado. Templo do descanso final do marmorista, que adornou as necrópoles da cidade de Porto Alegre com a mais fina arte funerária.

Ironicamente, o monumento funerário que deveria ser uma referência para o tema da arte cemiterial, divulgado e reconhecido como um verdadeiro ícone, indispensável para o repertório desses estudos, foi removido. A capela foi destruída e dela restou apenas fragmentos: uma escultura em pedra grês e um medalhão em mármore.

A construção foi um dos exemplares apagados do acervo escultórico dos cemitérios São José I e II. Para construir o estacionamento do Crematório Metropolitano de Porto Alegre, o Cemitério São José II, da Comunidade de Alemães Católicos de São José foi totalmente remodelado. Cerca de 80 % do seu terreno, desertificado pela extração das unidades tumulares, muitas delas possuidoras de obras de arte. Dentre elas, o mausoléu de Jacob Aloys Friederichs.

A capela foi entregue pelo familiar cessionário da sepultura, para a Comunidade São José e para Cortel, construtora que administra o Crematório Metropolitano e o Cemitério São José II em novembro de 2004. Nela estavam sepultados, *Jacob Aloys Friederichs*, *Maria Wilhelmine Grünewald Friederichs* - a primeira esposa de Aloys, *Irma Schnapp Friederichs* – segunda esposa de Aloys e

⁶⁷ Atividade desenvolvida junto ao projeto de pesquisa Marmorabilia: Inventário da Memória Tumular do Rio Grande do Sul: Cemitérios São José (Porto Alegre) e Cemitério da Santa Casa de Misericórdia (Pelotas). ICH/UFPEL. Registro no Cocepe: 7.00.00.18.

⁶⁸ Doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte – PPGAV/UFRGS sob Orientação do Prof. Dr. Francisco Marshall. Professora Assistente do Curso de Conservação e Restauro – ICH /UFPEL. E-mail: minerva_design@yahoo.com.br.

sua irmã *Julia Schnapp*. Os restos mortais foram trasladados para o Memorial aos falecidos importantes na história da Comunidade São José, construído no mesmo cemitério e localizado no Jardim In Memoriam.

A HISTÓRIA DA CAPELA

O projeto da Capela Aloys foi uma das sepulturas familiares Friederichs executadas no Cemitério São José pela marmoraria Casa Aloys. A marmoraria foi fundada por Miguel Friederichs em 1884 e atuou até 1961. Contratou muitos artistas, dentre os que mais se destacaram estão José Martinez⁶⁹ que abriu sua própria marmoraria na cidade de Bagé, e o seu aprendiz André Arjonas, que se tornaria o mais importante escultor da arte funerária gaúcha. Arjonas ingressou na firma em 1901 e em 1947 foi promovido como sócio da Casa Aloys (SILVA, 2006, P.97). Podemos atribuir a autoria da escultura a André Arjonas, autor de várias obras públicas, projetos tumulares, capelas e igrejas no Rio Grande do Sul. A capela foi construída por ocasião da morte da primeira esposa de Aloys, Wilhelmine, que faleceu em 1924.



Figura 1: Capela Aloys Friederichs no Cemitério São José II. Fotografia: Maria Elizia Borges, 2003.

⁶⁹ Para saber mais sobre Martinez, recomendamos a pesquisa de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP/UFPEL) desenvolvida pela historiadora Elaine Maria Tonini Bastianello: Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950).

A capela certamente foi colocada no cemitério pela Casa Aloys. Em relação ao seu projeto, temos duas hipóteses: a primeira indicaria a importação do monumento da Europa, vindo para Porto Alegre em um navio, totalmente desmontada e aqui montada com a orientação e execução do Mestre Arjonas⁷⁰. A segunda hipótese seria apontada pelo material do qual a capela é constituída, a pedra grês, abundante no Rio Grande do Sul e largamente aplicada como recurso material escultórico pela marmoraria e pela mão de Arjonas. Focaremos nossa análise nesta segunda hipótese, pois ela será amparada pela localização de um catálogo de arquitetura de capelas funerárias que teria pertencido à Arjonas.

Em 2008, por ocasião da pesquisa de mestrado realizada no Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS, foi possível ter acesso a este catálogo por meio do Sr. Lima⁷¹, antigo funcionário da Casa Aloys, que o mantinha guardado durante décadas.

Este catálogo chegou até nós com páginas faltantes, sem capa, sem identificação e sem datação. Segundo o Sr. Antônio Lima, trata-se do catálogo que pertencia a André Arjonas e que era usado pelo artista como uma referência para executar seus projetos tumulares. Talvez as páginas faltantes pudessem ser as dos modelos de capelas que Arjonas tenha executado nos cemitérios gaúchos, talvez até mesmo a do próprio modelo da Capela Aloys.

Sabemos que o catálogo é italiano e tem 80 páginas. Estão faltando as de número 53, 54, 59, 60. Se realmente são do túmulo de Aloys, não sabemos, mas é fato que muitas das capelas elencadas no livro possuem elementos arquitetônicos encontrados na configuração da Capela Aloys.

GRAMÁTICA TUMULAR

⁷⁰ Sobre os problemas de atribuição de autoria das obras de arte funerária da Casa Aloys, ver a dissertação de mestrado desta autora: *A Antiguidade Clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930)*, página 125.

⁷¹ Entrevista com Sr. Antônio Lima, concedida à autora em 2008.

Utilizamos como comparativo, para leitura inicial dos elementos compositivos do monumento tumular, as ilustrações das capelas referidas nas páginas 56 e 57 do catálogo de Arjonas, ambas são projeto do arquiteto A. Nissoti:

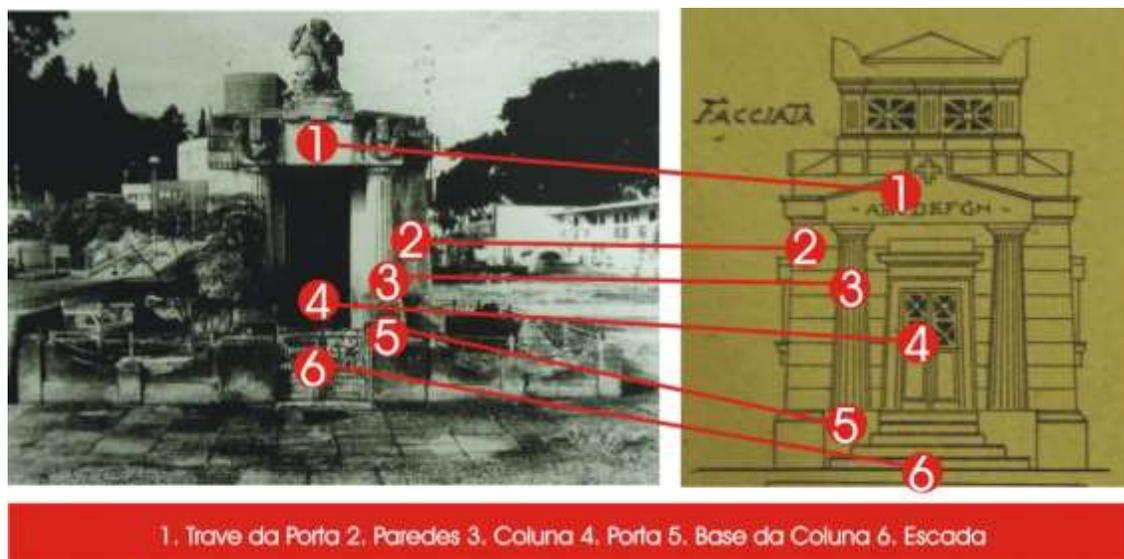


Figura 2: Frente: Capela Aloys e Página 56 do catálogo utilizado por Arjonas. Gráfico elaborado pela autora, LFNC.

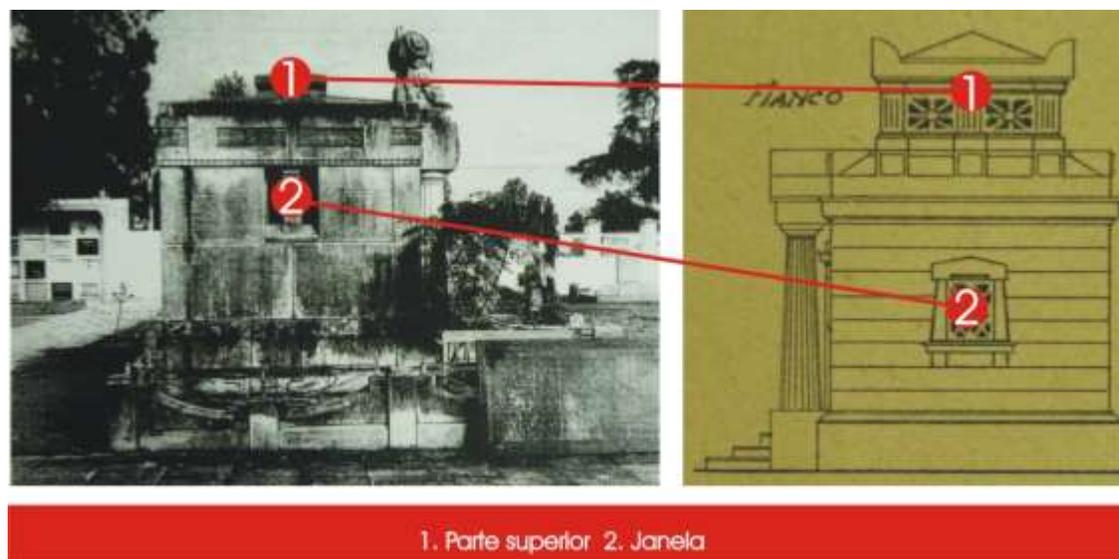
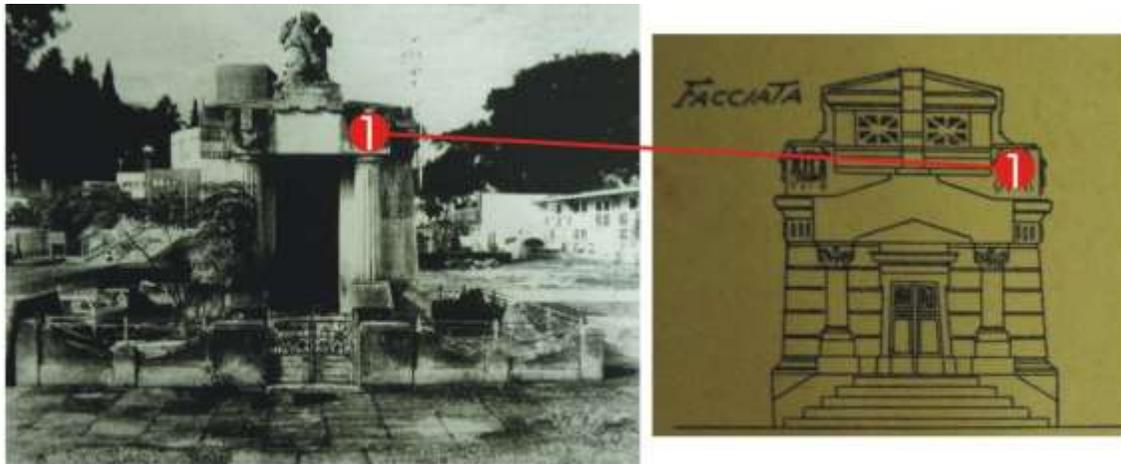
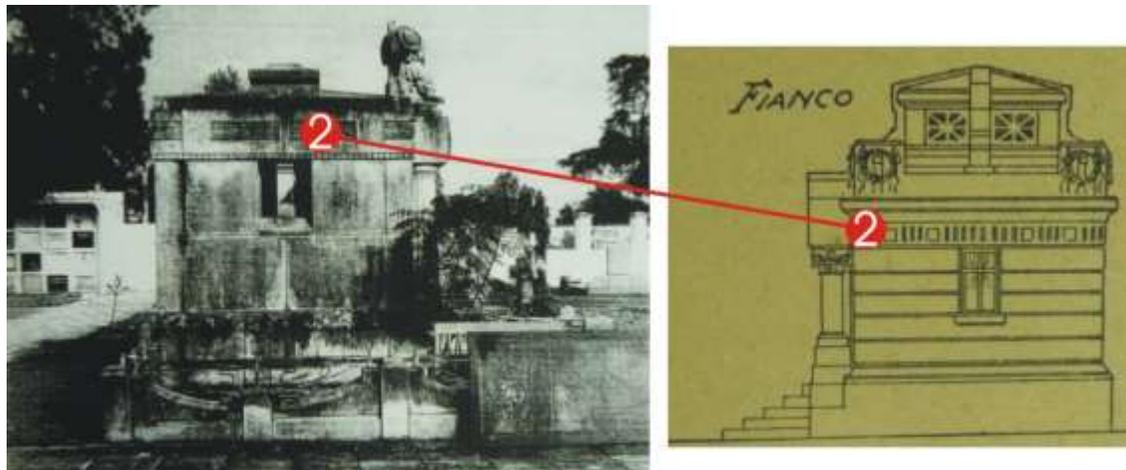


Figura 3: Lateral: Capela Aloys e Página 56 do catálogo utilizado por Arjonas. Gráfico elaborado pela autora, LFNC.



1. Guirlandas

Figura 4: Frente: Capela Aloys e Página 57 do catálogo utilizado por Arjonas. Gráfico elaborado pela autora, LFNC.



2. Friso

Figura 5: Lateral: Capela Aloys e Página 57 do catálogo utilizado pela Cortel. MPPMA, Inquérito 69/2010. Gráfico elaborado pela autora, LFNC.

A partir das ilustrações acima, podemos perceber a equivalência entre as partes compositivas da Capela Aloys e as capelas elencadas no livro de Nissoti. O estilo do monumento é bastante eclético, pois engloba elementos de diferentes períodos da História da Arte. Todavia, já de imediato percebemos uma influência renascentista, na austeridade e linearidade da configuração desta capela moderna, ao que tudo indica, construída entre 1925 e 1935.

As guirlandas, verificadas na figura 04, são clássicas. Porém seu suporte, retangular e seco, não é. Como elementos clássicos, temos ainda as colunas de capitel dórico.

Restam ainda elementos como a murada, a porta e a escultura. A murada é baixa e possui gradil em ferro. Este gradil segue a ornamentalidade inspirada pela moda do Art Nouveau: linhas orgânicas e volutas. No portão de entrada, além das volutas, havia gregas e adornos fitomórficos: galhos de carvalho, com as folhas e os frutos da árvore, que representam a Pátria Alemã. (DOBERSTEIN, 2002, P.126).

A porta de entrada, toda em bronze, possuía adornos em relevo, estilizando uma folha de palmeira e folhas de carvalho, ainda na ideia da representação das duas pátrias do falecido, a Alemanha e o Brasil. O nome de J. Aloys Friederichs aparece, identificando o monumento. Esta porta, além da considerável quantidade material que a constituía, possuía inquestionável relevância como um adorno agregador de valor à construção. Destacava-se também pelo seu trabalho ornamental de precisa e laboriosa execução (Figura 01).

Sobre a escultura, esta traz sob os pés da alegoria, ramalhetes com folhas de acanto e flores de papoula. A flor de papoula é um conhecido símbolo funerário do sono eterno - a morte. Trabalharemos a escultura separadamente, por ser uma das partes que mais nos interessa na análise tumular. Referente ao seu estilo, este seria um tanto maneirista.

AS PARTES QUE SOBREVIVERAM À MORTE DA CAPELA

Toda em pedra grés, a capela possuía em seu interior, uma lápide em mármore, com epitáfio, informações e busto em relevo da efígie de Wilhelmine (Figura 06). A lápide fazia par com um medalhão de Aloys, também mármore. Na figura 06, podemos ver a lápide e o interior do túmulo. O epitáfio é certamente um dos mais belos encontrados em cemitérios. De acordo com a pesquisadora Haike Roselane Kleber da Silva (2006, p. 100):

*IHR LEBEN WAR LIEBE UND GÜTE, IHRE LIEBE UND GÜTE MEIN GLÜCK!
SUA VIDA FOI AMOR E BONDADE, SEU AMOR E BONDADE MINHA SORTE!*

O medalhão de Aloys foi assinado por Mário Arjonas, filho do artista André Arjonas e foi baseado em uma fotografia de Aloys com cerca de 73 anos, o que constatamos ao analisar a sua fotografia com 73 anos no Semanário da Casa Aloys (1949).



Figura 06: Lápide em mármore com relevo de Wilhelmine Friederichs. Fotografia: Haike Roselane Kleber da Silva, 2003.



Figura 07: Medalhão com relevo de Aloys Friederichs. Fotografia: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, 2011.

A partir das fotografias, constatamos também que havia um banco, para o descanso das visitas, que a partir da morte de Aloys - em 14 de julho de 1950 (Ibidem-mesmo autor-Id) - foram ainda mais frequentes. Foram prestadas diversas homenagens à memória do marmorista, líder da comunidade teuta, onde se consagrou principalmente pela atuação na Sogipa, como Presidente Honorário “desde a fundação até o Jubileu de Diamante, 1942” (HOFMEISTER 1987, p. 249). A fundação da Sogipa se deu 1867, e no seu 120º aniversário, acontece a eleição port-mortem de Jakob Aloys como Patrono da Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro ao Alvo (Idem-mesmo autor-Id).

As homenagens para Jacob Aloys sempre foram prestadas durante os aniversários da Sogipa. Outra que se destaca é a oferecida em 1967, por ocasião do Centenário:

Em emotiva homenagem, os líderes da SOGIPA depositaram uma coroa de flores nos túmulos dos ex-presidentes **Alfred Schütt** – o pioneiro fundador da SOGIPA -, **Jakob Becker, J. Aloys Friederichs, Carlos Albino Sperb, Jakob Mink, Rodolfo Deppermann, Jorge Tofehrn, Franz Metzler, Willy Klohs, Werner Beck** e **José Carlos Daudt**. O preito deixou de ser feito no do Dr. **Waldemar Niemeyer** por ter sido sepultado em São Paulo, onde residiu desde 1939 até os últimos anos de vida. Foi visitado também com a homenagem com coroa, o túmulo do pioneiro e benemérito Professor **Georg Black Sênior**, entre outros associados sogipanos. (Ibidem-mesmo autor-p. 56).

Quanto aos retratos dos falecidos que acabamos de analisar, infelizmente, ainda não sabemos o destino da lápide de Wilhelmine. O medalhão de Aloys está no Memorial do Cemitério São José II (localizado no Jardim In Memoriam).

A escultura que marcava o túmulo do maior personagem das marmorarias ainda existe e se encontra no Crematório Saint Hilaire, que fica na cidade de Viamão e pertence também à Cortel, proprietária do Crematório Metropolitano de Porto Alegre e administradora e concessionária dos Cemitérios São José I e II em Porto Alegre.

A obra, toda em pedra grês de cor avermelhada, marca um local de convívio para os usuários dos serviços oferecidos pelo Saint Hilaire: o bosque *In Memoriam*. Está situada em meio a um lago, apoiada sobre seixos de pedra. Seu

estado de conservação é bastante delicado. Como está ao ar livre e em meio ao lago, onde existe grande umidade, ela apresenta-se coberta por grande quantidade de limo. A pedra grês é uma rocha que conduz muito a umidade (VERÇOSA, 1975, P. 39).



Figura 08: Escultura que pertencia à Capela Funerária de Aloys Friederichs – Cemitério São José II em Porto Alegre. Agora no Crematório Saint Hilaire – Viamão. Fotografia: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, 2012.



Figura 09: Detalhe – Chapéu. Escultura que pertencia à Capela Funerária de Aloys Friederichs – Cemitério São José II em Porto Alegre. Agora no Crematório Saint Hilaire – Viamão. Fotografia: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, 2012.

Algumas partes da escultura estão quebradas, como a aba do chapéu e o topo da cruz. Estas partes não podem mais ser restituídas de acordo com o material e o procedimento adotado pelo escultor: usou de um bloco inteiro de pedra grês, o qual foi desbastando, fazendo emergir a figura do homem maduro, de longas barbas, abraço na cruz. Representa uma alegoria da fé, mais especificamente, uma alegoria de um homem gaúcho, apoiado na fé. Discutiremos no decorrer de nossa pesquisa, cuja data de encerramento está prevista para 2014, ainda outras possibilidades de interpretação para esta escultura, amparadas nas leituras iconográficas e iconológicas.

Por fim, ainda no Crematório Saint Hilaire, encontramos as duas colunas que ladeavam a porta de entrada do mausoléu. Como uma delas está partida ao meio, esta foi disposta com a metade superior da coluna quebrada, tombada ao chão, o que na cultura funerária representa a vida bruscamente interrompida. Temos aqui um caso de resignificação das peças, que desprovidas de sua função original, foram realocadas e expostas como um novo monumento, assim como a própria escultura em meio ao lago. Somente poderão saber as origens de tais peças escultóricas, aqueles que conheceram o monumento original e sua história.



Figura 10: Colunas em pedra grês, que pertenciam à Capela Funerária de Aloys Friederichs – Cemitério São José II em Porto Alegre. Agora no Crematório Saint Hilaire – Viamão. Fotografia: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, 2012.

CONCLUSÃO

Diante da remoção de unidades tumulares de importantes membros da Comunidade São José, a administração dos Cemitérios decidiu criar um espaço memorial para guarda dos restos mortais destes entes e de algumas esculturas ou partes tumulares proveniente dos seus monumentos. O Memorial do Cemitério São José II abriga os restos de Jacob Aloys Friederichs e sua família. O monumento resume-se a uma campa de granito com pequenas plaquetas com os nomes dos Friederichs e o medalhão com a efígie de Aloys.

Acreditamos que a escultura da Capela Aloys e suas colunas, deveriam estar no mesmo lugar. Obviamente, não existe mais a possibilidade de reconstrução da obra verdadeira que o acervo possuía. Entretanto, parece-nos mais pertinente que as partes do monumento estejam juntas, ou que ao menos estejam no Cemitério São José II, em Porto Alegre.

Com a entrega da unidade tumular feita pela família em 2004, não sabemos exatamente qual o destino de todas as partes do monumento diante de sua retirada do local original. Até o momento foi possível mapear as partes que analisamos aqui, todas em guarda da administradora do Cemitério e do Crematório Metropolitano: a Empresa Cortel S/A.

O monumento evidentemente possuía valores estéticos, materiais e históricos. Além disso, também valor familiar, uma vez que outros membros diretos da família Friederichs foram sepultados nos Cemitérios São José. Infelizmente, o conjunto formado pelos monumentos hoje está perdido. Representava para a arte funerária um pequeno grupo de obras erigidas em memória de grandes marmoristas, todos da mesma Família. *Miguel Friederichs* - que veio primeiro para o Brasil e fundou a *Bins e Friederich*, oficializada como Casa Aloys; João Vicente Friederichs, filho de Miguel também se tornou escultor e abriu sua própria firma, reconhecida pelos seus bronzes. Trabalhou para ele o célebre Adolf Adloff, artista que criou diversas obras públicas.

A trilogia Friederichs, gravada nos monumentos de arte funerária construídos para Miguel, Aloys e João Vicente - resiste ainda no seu primeiro

jazigo, o de Miguel, que foi o primeiro dos Friederichs a falecer. Este jazigo está no Cemitério São José I, já em estado de conservação bastante agravado.

Desde o ano de 2010, os cemitérios São José entraram em processo de inventário. Foi possível inventariar cerca de 485 sepulturas ainda nos cemitérios e encontrar esculturas de antigos monumentos, como foi o caso do monumento Aloys. O inventário faz parte da pesquisa de doutorado desenvolvida pela autora nestes cemitérios, e deverá ao seu término, previsto para 2014, apresentar um documento de análise sobre o processo sofrido pelo acervo. O inventário gerou inclusive um grupo de pesquisa engajado no preenchimento de fichas cadastrais das unidades tumulares, o projeto desenvolvido na UFPel – *Marmorabilia*.

Estudamos maneiras de tentar de alguma forma, minimizar o impacto da retirada de túmulos que porventura ainda tenham de ser demolidos ou realocados, bem como estratégias de compensação pela perda de unidades tumulares insubstituíveis, tal como o Mausoléu Aloys.

Os Cemitérios São José representam um dos mais ricos campos de estudos para a obra da Casa Aloys nas necrópoles gaúchas. Além da atuação de Aloys Friederichs na comunidade, este foi o responsável por centenas de obras encomendadas pelas famílias para homenagearem seus mortos. Como vimos aqui, obras singulares foram perdidas, mas muito ainda se mantém nos terrenos destas necrópoles. Felizmente, boa parte dos monumentos mais importantes da Casa Aloys que o cemitério possui em seu acervo, ainda se mantém integras, como é o caso dos monumentos citados no Semanário da Casa Aloys – uma espécie de autobiografia escrita por Friederichs antes de falecer.

Vivenciamos agora, gradualmente, o processo de reconhecimento destas obras. Junto ao Ministério Público, que tem apoiado este estudo pela Promotoria do Meio Ambiente. A administradora das necrópoles tem se mostrado interessada pela história das obras, e no caso da escultura do Mausoléu Aloys, pretende divulgar informações sobre a história da escultura para os visitantes.

Cabe ainda pensar se o destino atual – o local de depósito – da escultura é realmente o mais adequado. Tanto pelas condições de conservação quanto pelos

fatos históricos, já que foi transladada do cemitério São José II para o Crematório Saint Hilaire.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Francisco. **A Escultura pública de Porto Alegre** – história, contexto e significado. Porto Alegre: Artfolio, 2004.

BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul** – Arte, Sociedade, Ideologia. Porto Alegre: Edipuc RS, 2000.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Dissertação (Mestrado em Memória e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. **A antiguidade clássica na representação do feminino: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930)**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CATÁLOGO de Arte Funerária. Sem identificação e sem datação.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

_____. **Recordar e comemorar**. A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. Revista Mimesis. Bauru, v.23, nº 2, p 13-47, 2002.

CORTEL <www.cortel.com.br/w_cortel/>. Acesso em: 14 de setembro de 2012.

_____. Compromisso com o passado, competência para o futuro. Material publicitário distribuído em 2010. Sem data.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: Edipuc, 2002.

FRIEDERICHS, Jacob Aloys. **Casa Aloys Ltda**. Indústria do mármore, granito e bronze. Casa Aloys: 1884-1949. Porto Alegre: [s.n.], 1949.

LIMA, Antônio. Depoimento a autora. Porto Alegre, outubro de 2008.

PROMOTORIA E JUSTIÇA DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE DE PORTO ALEGRE: Apurar deterioração do acervo cultural inserido nos Cemitérios São José I e II. Investigado: Empresa Cortel S/A. Requerente: Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, em 13/07/2010. Inquérito 69/2010.

SILVA, Haike Roselane Kleber. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão** - A história de uma lidenrança étnica (1868-1950). Porto Alegre: Oikos, 2006.

SILVA, Sérgio R.Rocha da; **A representação do herói na arte funerária do Rio Grande do Sul** (1900-1950). Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SILVEIRA, Gicelda Weber. **Estruturas de luz e sombra: o caso do Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura – Departamento de Imprensa Nacional, 1972. 2v.

VERÇOZA, Ênio José. **Materiais de Construção 1**. Porto Alegre: Sagra, 1973.